

# APENAS ALGUNS RECORTES DE COMO FOI CAMPINAS DESENVOLVENDO SUA CULTURA E RECREAÇÃO AO FINAL DO SÉCULO XIX

Maria Lúcia de Souza Rangel RICCI

O intuito neste momento é o de apenas apresentar parte de uma pesquisa em andamento sobre algumas Associações Culturais/Recreativas que funcionaram em Campinas já desde o final do século XIX.

Deixo claro que ao longo do tempo as instituições privadas representaram um ponto de mescla social e sua principal característica esteve sempre na participação coletiva de seus sócios dentro de lugares públicos. Nelas, todavia, as práticas culturais desenharam o contorno de grupos sociais determinados e tiveram, ao longo de suas durações, o papel de informar sobre o nível de desempenho dos mesmos.

Dessa forma, em Campinas, tais Associações representaram bem o exemplo dos novos lugares de concentração que a elite da cidade produziu e que acabaram por reunir, muitas vezes, um público popular.

Tais agrupamentos humanos reunidos em torno de saraus lítero-musicais-dançantes-físicos desenvolveram relacionamentos que se tornaram como destacados lugares de encontro e modificaram o uso do tempo livre e de lazer da comunidade, deixando, outrossim, traços marcantes na afirmação de Campinas como significativo pólo cultural.

Onde há semelhanças e diferenças<sup>1</sup> bastante visíveis (caso, por exemplo, de clubes, conferências e associações) também existem pontos de identificação do indivíduo a partir dos quais eles se aproximam ou se afastam de um lugar, de uma pessoa, de uma maneira de ser ou de

---

<sup>(1)</sup> VENÂNCIO FILHO, Paulo. *Primo entre si, temas em Proust e Machado de Assis*. São Paulo: Nova Fronteira, 2000.

um valor. Assim, no estudo da História das Mentalidades, como bem expressou Adeline Daumard<sup>2</sup>, se pode permitir o conhecimento *dos valores que sustentam uma sociedade*.

Vem sendo curioso constatar que ao trabalhar algumas dessas Associações, embora a iniciativa na maior parte das vezes tivesse partido da elite, ela não exigiu exclusividade ao ingresso de novos associados principalmente nos clubes e sociedades. Assim, a ética e a manifestação de solidariedade acabaram por aproximar em muitos momentos pessoas de partidos políticos divergentes (pelo menos na apresentação de suas plataformas...).

Havia, portanto, um discurso fundamental, um certo comportamento, uma ética que predominava nesses agrupamentos sociais.

A sociabilidade foi o caminho que utilizei para melhor entender a questão da participação na vida coletiva e as formas de consumo do tempo livre, ou seja, aquele depois do consagrado ao trabalho, à família ou ao culto religioso.

Como no momento analiso apenas alguns cenários sociais, o recorte local traçou um panorama do espaço social construído de início (a partir de 1870 mais sensivelmente) pela elite campineira, levando em conta padrões de civilidade que então ditaram as normas de sociabilidade às elites urbanas inseridas no contexto da civilização ocidental onde o modelo da sociabilidade francesa foi o mais enfático na cidade e, apenas a partir aproximadamente de 1920 é que outros foram aos poucos sendo incorporados (caso do inglês e americano). Da mesma forma o padrão econômico-político também se modificou o que, em verdade, atingiu todo o mundo.

Ao estudar um espaço urbano notamos que o tempo na cidade apaga muitas marcas, embora outras tantas permaneçam; nessas, percebemos a presença de vários tempos no espaço caracterizados por uma variedade de testemunhos de muitas épocas. Nas que se apagaram, a memória se encarregou de guardá-las.

Campinas desde cedo apresentou espaços de lazer organizados - caso, entre outros, dos salões de baile - enquanto que os clubes,

---

<sup>(2)</sup> DAUMARD, Adeline. *La bourgeoisie parisienne (1815-1848)*. Paris. Le Seuil, 1996.

hotéis, e os de ar livre (entre os quais chácaras e pesqueiros) foram aparecendo à medida que se ampliavam os espaços de sociabilidade.

Lembro que mesmo ao tempo do Império, quando uma forte centralização acorrentava o Município à Província, Campinas se distinguiu pela iniciativa e arrojo de seus moradores aliada ao espírito independente e de associação; talvez até por isso tenha sido concebida por várias décadas como exemplo de florescimento material e cultural.

Considerarei então que a partir de final do século XIX a cidade se tornou uma ampla e operante *oficina*, não apenas decorrente de sua agitação industrial, mas também, por já demonstrar o que era capaz de produzir, consorciando atividades municipais à iniciativa particular (observem que o fato não é tão atual como muitos querem propor...) o que a tornou um campo ativo de trabalho, bem-estar e conforto para a época. Aliás, cumpre dizer que as Associações legalmente constituídas já estavam isentas de impostos municipais, segundo rezava a Lei nº 36 de 28 de abril de 1895, o que muito contribuiu para o florescimento delas<sup>3</sup>.

É notória a importância que não apenas clubes e associações, bem assim as famílias abonadas demonstraram no sentido de possuírem bibliotecas o que significava, respectivamente, a capacidade educacional da instituição e, na outra ponta, o poderio econômico e a distinção social em as possuir em seus lares. Eram elas basicamente compostas de autores franceses e alguns nacionais que se destacavam na época, tudo a demonstrar o quão significativo era à elite e incipiente burguesia campineira ostentarem que possuíam erudição.

A partir dos anos 1930/40, também algumas poucas famílias de classe média que conseguiram ascender socialmente, começaram a adquirir o hábito de possuir em suas casas bibliotecas, se bem que não fossem constituídas em sua maioria com obras internacionais destacadas do período (sobremaneira francesas). Permanecia aí o então hábito de enfeitarem suas salas com obras luxuosamente encadernadas. Alguns desses lares, a exemplo da elite/burguesia, possuíam também piano, embora o violão e a viola fossem os mais comuns.

---

<sup>3</sup> O material até agora pesquisado/analísado é decorrente do contido na Literatura de Viagens, na Imprensa Campineira e Almanques relativos ao período em questão.

À época, principalmente as famílias da elite que tinham entre seus membros profissionais liberais (sobretudo médicos e advogados) possuíam em seus domicílios obras de valor, além do que ricamente encadernadas (caso, entre outras, dos Souza Morais, Souza Queiroz, Rezende Martins, Paula Souza).

Destaco que a maioria das associações e clubes estava localizada na parte central da cidade, pois, era ainda o local marcado pela distinção social, uma vez que nesse espaço urbano se encontravam as moradias de abonados fazendeiros, notórios profissionais liberais, o que bem leva a compreender o porquê dessas instituições lá se localizarem.

Nesse sentido, a Rua Barão de Jaguará (antiga Rua de Cima) abrigou, bem como seu entorno, vários desses estabelecimentos, além de ter sido também cenário privilegiado para a realização de procissões, para desfiles carnavalescos, dos quais o corso era o mais concorrido, contando com a participação das famílias tradicionais campineiras que, nesse momento, se relacionavam muito à vontade com a multidão. Era ainda essa rua o local do melhor comércio, confeitarias, cafés, o lugar do *footing*, onde as famílias abonadas residiam (nela ou em sua circunvizinhança). Era esse espaço a própria *vitrina da cidade*.

No que tange à sociedade de dança, lembraria entre outras tantas, o *Club Semanal*, a mais antiga da cidade (1857), organizada modestamente e com poucos recursos, uma vez que quase todos seus fundadores eram empregados do comércio. Suas reuniões eram semanais, ao som de violões ou modestas rabecas. A dança era o motivo principal da confraternização.

Os sócios fundadores eram pessoas de destaque na cidade - Bento Quirino dos Santos, Raphael de Abreu Sampaio, e Custodio Manoel Alves - tendo sido os responsáveis pela construção do edifício próprio em 1870, embora sua inauguração tivesse ocorrido em 1873. Na oportunidade ocorreu um baile que se tornou famoso em Campinas.

Mas, não poderia nesse vôo de pássaro deixar de lembrar o significado que teve a *Sociedade Luiz de Camões* (1880) ao proporcionar aos associados, em sua maioria composta por portugueses e/ou descendentes, reuniões recreativas e educacionais. Decorrente da educação recebida, quando da inauguração a biblioteca, se bem que modesta, já estava constituída, contando com 332 volumes.

A colônia espanhola radicada em Campinas também possuiu sua sociedade. Era a *S. Hespanhola Gásto Mendez Nuñes* (1886) homenagem feita ao marinheiro espanhol Mendes Nuñes. Era situada em lugar distanciado para a época, ou seja, à rua Senador Saraiva esquina de Benjamin Constant. Suas festas eram concorridas não apenas pela sedução de sua música apresentada ao som de castanholas, como também pelo fato de que os recursos angariados em suas festividades serem destinados aos mais carentes.

Não poderia no momento deixar de destacar uma sociedade de dança fundada por vinte jovens (1890) - *Eden Campineiro* - que apesar de proporcionar apenas a cada três meses reuniões familiares, era uma das mais animadas, contando com a presença de todos os segmentos sociais da cidade.

O *Club Campineiro* (1891) funcionava num grande e belo sobrado situado à rua Barão de Jaguara esquina de General Osório (quem não o relembra até hoje, nem que seja lendo jornais da época, almanaques...). Possuía salas de leitura, de jogos (onde o carteadado era o forte), além de promover conferências (muito ao gosto do campineiro d'outrora).

Nesse espaço houve bailes famosos, além de vários concertos e sessões de declamação. Lembro que seu Presidente, quando da inauguração, era Orosimbo Maia e o gerente, por muito anos, foi o historiador e pintor da cidade José B. de Castro Mendes, cujas obras são até nosso cotidiano indispensáveis para o conhecimento da antiga Campinas.

O *Gremio Commercial* (1889) era constituído por sócios de todas as classes sociais. Tinha por finalidade primeira promover bailes e concertos, além de conferências literárias. Os jogos de bilhar e dominó também lá foram constantes. Sua biblioteca era modesta, mas, vale lembrar o esforço realizado à época para conseguir formá-la com o intuito de melhor promover o crescimento cultural dos associados.

Júlio Frank de Arruda, Raphael Duarte, Jayme de Moraes Salles, Orosimbo Maia foram os responsáveis pelo surgimento do *Recreio Familiar* (1890) que, trimestralmente promovia saraus dançantes, sendo frequentado, em maioria, pelos abonados da cidade e onde também eram debatidos assuntos de interesse da comunidade.

Mas, já havia desde o final do século XIX também a preocupação com a aparência física e saúde do corpo. Assim, a *S. Allemã Gymnastica Infantil* (1885) e o *Club Athletico* (1896), foram os primeiros a manterem na cidade espaços desse tipo. Suas primeiras diretorias foram compostas por imigrantes/descendentes de alemães moradores em Campinas - só lembrando: nesse período foram seus presidentes, respectivamente, Emilio Kohn e Guilherme Hennings.

O *Club Athletico* possuía inclusive vários aparelhos específicos para a realização de fisiculturismo, além de promover a cada três meses saraus dançantes, enquanto que a *S. Allemã* se preocupou em formar sadiamente os menores de dezoito anos. Duas vezes ao ano ela promovia reuniões para demonstrar os benefícios que os exercícios e as danças estavam produzindo à juventude. Nesses momentos não apenas as famílias como seus convidados lotavam o espaço, cuja sede embora não fosse suntuosa, possuía muito calor humano ao longo das festividades (ela funcionava à Rua São Carlos, entre as de José de Alencar e Álvares Machado).

Em 1893 foi fundada a *Sociedade Scandinava* com a finalidade de proporcionar reuniões recreativas e, principalmente, auxiliar os associados - *filhos* - *irmãos* - que se encontravam ao Norte da Europa.

Pela receptividade da primeira, em 1897 foi inaugurada a *Sociedade Scandinava de Leitura* (Norden) tendo sido uma das primeiras da cidade que teve por objetivo explícito proporcionar aos sócios a leitura de livros e jornais.

Mas também o samba não foi descurado na cidade nesse período. Assim, a *S. Carnavalesca Democráticos* (1889) e a *S. Carnavalescas Fenianos* (1900) se preocuparam em apresentar diferentes alegorias durante os festejos místicos apesar do número de sócios não ser lá muito significativo (não passavam de 200 sócios na *S. Carnavalesca Democráticos*).

Interessante foi o *Club Mozart* (1884) por ser composto apenas por discípulas de piano do Prof. Luiz de Pádua e que teve por objetivo divulgar autores clássicos e brasileiros. Realizava trimestralmente *soirées* musicais. Sua diretoria era organizada mediante sorteio (até o momento foi a única que encontrei desse tipo). Por ocasião da funda-

ção - outro aspecto que me chamou atenção - é que toda a diretoria era composta por mulheres.

O canto coral foi também muito cultivado na cidade. Dessa maneira, uma das mais antigas associações foi a *Sociedade Alemã de Canto-Concordia*, fundada pelo Prof. Theodoro Jahn e mais quinze sócios. Nela, o canto coral (em quartetos) acabou por incorporar às reuniões peças humorísticas. Mais uma vez era a significativa participação da colônia alemã radicada em Campinas, que chegou a contribuir também para a realização de excursões pelos arredores da cidade.

De igual modo a *Deutscher Handwerker Gesangverein Eintracht* (1890) cultivava a música de canto. Por ocasião da fundação, sua diretoria contava com significativos representantes da colônia alemã na vida sócio-intelectual campineira. Só para lembrar: seu Prof. era Carlos Zink; o Presidente, Carlos Hoffmann e o Secretário, Henrique Bahde.

Bandas? Desde 1895 foram representativas em Campinas. Apenas recordando algumas delas: *Banda Musical Ítalo-Brasileira* (1895) que contratava tanto festas religiosas quanto profanas, não apenas na cidade, mas para o Estado.

O pessoal que a compunha era de descendência italiana, portuguesa e alemã; a *Banda Musical Carlos Gomes* (1899) era a mais famosa e conhecida da cidade e que, aos *trancos e barrancos* ainda persiste, contando com elementos de todos os segmentos sociais (a maioria constituída por afros-descendentes); a *Banda da Fazenda Chapadão* teve uma interessante particularidade: foi composta pelos empregados daquela propriedade (de Isolina Barbosa Aranha) chegando a se apresentar em vários momentos cívicos e religiosos de Campinas.

O prosseguir da pesquisa está me levando à descoberta/análise de outras associações de danças, culturais, recreativas, assistenciais, beneficentes... representativas de uma das formas de exercício sócio-político de sua gente.

Levando em conta o que ensinou Marc Bloch<sup>4</sup> ao afirmar que *a história é um esforço para o melhor conhecer, por conseguinte, uma coisa em movimento*, considereei ainda que quando ocorrem frustrações ao

---

<sup>(4)</sup> BLOCH, Marc. *Introdução à História*. Lisboa. Europa-América, 1965, p. 18.

nível sócio-político-econômico-cultural, concepções como a idéia de movimento do passado devem ser revisitadas uma vez que trazem em seu bojo o regionalismo e o conservadorismo, entre outros resultados da razão instrumental operacionalizada.

Dessa forma, dentre os vários aspectos do ocorrido na cidade de Campinas, ao analisar seu cotidiano nas micro-relações intersubjetivas com suas idiossincrasias que chegaram a expressar certa continuidade e identidade de tradições, já pude constatar que à medida que as pessoas foram se agrupando, mudanças profundas ocorreram em seus modos de vida. Exemplificando: a desumanização com a divisão social do trabalho e espacial, apesar de que apenas a partir de 1930 foi que a estrutura, a dinâmica urbana e física da cidade se tornaram mais complexificadas, massificadas, acabando por agravar, entre outros, os problemas relativos ao consumo coletivo, higiene, saúde, educação e habitação.

Através do estudo das associações campineiras tenciono, pois, recuperar o vivenciado a fim de que sejam revelados os múltiplos aspectos de uma sociedade onde avultaram (am) experiências várias e como os diferentes momentos de seu processo histórico representaram e/ou não ocasiões de pressão, preconceitos sobre as diferentes etnias que a compuseram (õem).